

PAULO EMÍLIO SALES GOMES

Três mulheres de três PPPês

Coordenação

Carlos Augusto Calil

Posfácio

José Pasta



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Herdeiras de Paulo Emílio Sales Gomes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa von Randow

Imagens de capa

Mulher em posição de saltar: revista *Photoplay*, janeiro de 1933

Mulher passando batom: Biblioteca do Congresso — Divisão de Imagem e Fotografia, Washington, DC, 20540, Estados Unidos

Mulher vestindo estola e fumando: 1933, Liggett & Myers Tobacco Co./ revista *Photoplay*, janeiro de 1933

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Carmen T. S. Costa

Luciane Helena Gomide

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gomes, Paulo Emílio Sales

Três mulheres de três PPPês / Paulo Emílio Sales Gomes.

— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2456-5

1. Ficção brasileira I. Título.

15-00387

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

P I: Duas vezes com Helena, 7

P II: Ermengarda com H, 41

P III: Duas vezes Ela, 95

Posfácio: Pensamento e ficção em Paulo Emílio — José Pasta, 129

P 1: Duas vezes com Helena

Não fosse a artrite, nunca mais teria encontrado Helena. Não cabe iniciar uma história juvenil com alusões ao artritismo, meu e dela, sei muito bem. Mas a verdade é que sem o flagelo, nosso encontro em Águas de São Pedro, trinta anos depois, nunca teria acontecido. Ela, no Pacaembu, eu no Alto de Pinheiros, usando táxi ou carro particular, não frequentando clubes ou festas, com rodas diversas de conhecidos, ambos longe da notoriedade, a probabilidade de cruzarmos era ínfima e durante três décadas isso nunca aconteceu, como se Deus atendesse a súplica ardente que eu fizera aos céus. Se pensarmos contudo numa mulher e num homem depois dos cinquenta, os dois artríticos, morando em São Paulo e com alguns recursos, é certo que um dia ou outro estariam ao mesmo tempo em Águas, vilarejo onde os reumáticos da burguesia e da classe média reservam seus lugares em dois ou três hotéis principais.

Não reconheci Helena imediatamente quando a vi sentada ao lado do Professor Alberto, tomando a fresca na pequena praça enfeitada com anões coloridos. Ele, reconheci imediatamente

apesar da cabeleira embranquecida e dos óculos modernos que substituíam a armação de tartaruga que pesava antigamente em seu nariz poderoso. Durante anos eu frequentara o mestre e amigo. A vastidão de seus conhecimentos e a maneira de sua inteligência manobrar os materiais acumulados pela cultura fizeram do Professor, quando pude avaliá-lo, o primeiro gênio que a vida me revelou. Primeiro e único, posso dizer hoje, quando penetro na velhice e espero dos vivos mais do que a simples multiplicidade de talentos. Ninguém, como o Professor, gostou tanto de mim. Me achava dotado e desde o ginásio orientava minhas leituras emprestando livros e prolongando o desvelo quando na Faculdade procurei ingenuamente aprofundar o gosto pelas letras, ideias e artes que teimara em me incutir. Cuidava de minha formação em todos os terrenos, conheceu e aprovou minhas namoradas, inclusive a primeira amante mais ou menos profissional. Foi quem arrancou para mim uma bolsa de estudos na Europa, organizando com método, ele que nunca viajara, os itinerários e a lista de visitas indispensáveis: a quadra do cemitério de Montparnasse onde está enterrado Baudelaire, o número exato da Rue Monsieur Le Prince onde morou Auguste Comte e o endereço da Biblioteca Vaticana de Milão que conserva desenhos pouco conhecidos de Leonardo.

Para meus vinte anos os quarenta do Professor Alberto faziam dele um solteirão definitivo e não foi sem surpresa que recebi em Paris a carta me anunciando seu casamento. Durante os dois anos que estive fora, nos correspondemos regularmente mas com o passar do tempo, vislumbrei nas cartas do mestre, ao lado do declínio do fervor em me cultivar, o aparecimento de doses crescentes de melancolia. Atribuí a variação do tom ao desaponto que eu deveria estar causando. Meu amor desinteressado pela cultura estava sendo desalojado pelo interesse político, tipo de preocupação que o enfastiava. Pior do que isso, minha inclina-

ção era pelo fascismo, movimento pelo qual o Professor Alberto manifestava desprezo, particularmente depois do aparecimento do integralismo e do golpe do Estado Novo.

O início da Segunda Guerra Mundial apressou minha volta e foi com certa apreensão que compareci ao nosso primeiro encontro em sua nova residência de casado, no Pacaembu. Estava curioso a respeito de Helena, de quem nada sabia além do nome, pois as cartas do Professor sempre foram impessoais. Ela não estava, passava uma temporada em Campos do Jordão, disse-me ele com um largo sorriso de acolhimento que nunca esqueci. Nas semanas seguintes não me largou. Eu voltara bem mais magro da Europa e isso o inquietou bastante obrigando-me a ver médicos, a passar por exames de laboratório. Apesar de minha excelente saúde, obedeci-o sem relutar: percebi que se tornara, como tantos outros ao se aproximar a velhice, maníaco de doenças, estendendo a mim a sua obsessão. Minha impaciência com a lentidão meticulosa dos médicos desaparecia ao ver a satisfação do meu amigo diante dos resultados negativos. De resto, as discussões que temera não ocorreram. Se nas conversas apareciam os nomes de Hitler e Mussolini, provocados por mim, ele abanava a cabeça e desviava o rumo. Um dia pilhei-o manifestando tolerância pelos extremistas, nome que se dava naquele tempo aos subversivos — mas logo me desarmou com um sorriso explicando que em política, um liberalão como ele tolerava tudo, até um fascista, é verdade que apenas um: eu.

Três semanas depois de minha chegada, o Professor partiu para a companhia da esposa, convidando-me para ir até lá passar uns dias. Prontifiquei-me a viajar com ele se assim o desejasse mas a ideia não lhe agradou. Consultou atentamente um pequeno calendário, quis saber exatamente em que dia estávamos, fez cálculos com os dedos e fixou o momento preciso em que eu deveria chegar, daí uns três ou quatro dias. Entendi que desejava

assegurar minha presença ao seu lado no dia do meu aniversário, que estava próximo e agradei-lhe a lembrança. Mas ele afetou surpresa, como se apenas naquele momento se recordasse de uma data que nunca deixara passar em branco.

Foi fácil descobrir o chalé isolado, cercado de pinheiros, em Umuarama. Não identifiquei imediatamente Helena na moça que abriu a porta: nunca supus que pudesse ser tão jovem e sobretudo tão bela a mulher do meu amigo quarentão. Um contratempo me aguardava. Atendendo a um chamado da família o Professor partira naquela manhã, sem tempo sequer de me prevenir, mas voltaria daí uns quatro ou cinco dias. Helena disse tudo isso rapidamente, sem me olhar, plantada na porta. Sua timidez foi contagiante. Respondi embaraçado que não tinha a menor importância, iria para a casa de uma tia em Capivari e passaria depois para saber se já tinha voltado. Estendera a mão para me despedir quando notei um certo tremor nos seus lábios ao mesmo tempo que recuava com passinhos curtos para dentro da casa. Quando conseguiu falar, não compreendi o que dizia. Era um balbucio embaralhado no qual só percebi uma sucessão de negativas enérgicas, articuladas com nervosismo. Fiquei perplexo, sem saber que atitude tomar até que Helena, depois de um visível esforço conseguiu dizer afinal que o Professor deixara instruções para que me instalasse no chalé e aí esperasse sua volta. Meu constrangimento era tão grande quanto o dela. Estava decidido a não aceitar uma situação que me parecia forçada, mas Helena, contendo o nervosismo, insistia em não me deixar partir. Falava agora com uma autoridade inesperada, mas ainda desviando de mim os grandes olhos verdes, único traço que permaneceu do seu comportamento ao me abrir a porta. Quero adiantar que durante os dias que lá passei Helena nunca me olhou: a primeira vez, foi trinta anos depois, no jardim dos anões de gesso colorido. Se relutei em me instalar no chalé foi devido à aflição que me

causava aquele olhar esquivo, o mais belo que encontrei na vida, fixando sempre algo à direita ou à esquerda da minha cabeça. Só aceitei ficar quando argumentou que a deixaria numa posição difícil diante do marido, ele fazia questão que o esperasse ali. Bastante contrariado, levei a mala para o quarto que me indicou. A tarde fria estava ensolarada e aceitei aliviado a sugestão de fazer sozinho um passeio a pé. Avisou-me que o jantar seria às sete.

Durante a volta pelo bosque, não arredei o pensamento da singular acolhida. Criticava e desculpava o Professor Alberto, responsável por uma situação assim constrangedora. Não conseguia definir o tipo de mulher que seria Helena: o que sua juventude e beleza teriam encontrado no Professor, homem extraordinário sob tantos aspectos, mas já velho e sem fortuna. Nada combinava, o terreno incerto não era tranquilizador. E o olhar que não me olhava.

Quando entrei na pequena saleta de refeição, Helena estava à minha espera. Se preparara cuidadosamente, o cabelo penteado para o alto, o longo pescoço enraizado num agudo decote, como os que se viam às vezes nas fitas americanas. A pele nua se prolongava nos braços rijos e delicados. Observei que além de bela, era excepcionalmente atraente. Um fogo brando crepitava na lareira. Foi à cozinha várias vezes, trazendo a sopeira, a travessa de pato assado com laranja, garrafas de vinho francês. Constatei, novamente constrangido, que a casa não tinha empregados, Helena fazia tudo. Ao mesmo tempo, eu aproveitava suas andanças para reparar melhor no vestido colado aos quadris. E refletia sobre as mudanças da moda durante minha ausência.

O jantar foi agradável. De início, a dona da casa me pareceu crispada mas sua fisionomia aos poucos foi se distendendo, talvez com a ajuda dos bons vinhos que bebia tanto quanto eu. A primeira vez que ri de minhas histórias de Paris, fiquei deslumbrado. A fileira de dentes bem plantados, com um nadinha

de gengiva vermelha na parte superior, constituía tal retoque final de graça que pousei o copo, tomado de instantânea vertigem. Dei de mim com uma ligeira sensação de desconforto e ajeitando-me melhor na cadeira, percebi que estava em plena ereção. Perturbado, comecei a falar sobre o Professor, o que ele significava para mim, tudo o que lhe devia, como o amava e admirava. A boca de Helena, mobilizada à espera de novo riso, tomou outra direção quando comecei a falar no marido. Descontraiu-se num sorriso murcho de aprovação enquanto os olhos se deslocavam de um ponto qualquer para se fixarem na garrafa de vinho, que apanhou para encher os copos, o dela e o meu, até as bordas. Pensei comigo que fazer quase transbordar o vinho, como se fosse cerveja, é coisa de hospitalidade brasileira mas não prossegui no esnobismo interior de europeu recente. Urgia que o lábio entremostrasse novamente os poucos centímetros de gengiva e para conseguir isso não falei mais no Professor, voltando às minhas histórias de viagem com crescente exagero e sucesso. Helena refez algumas vezes o ondulado percurso até a cozinha. Ao provar o creme de caramelos a ereção não mais me aborrecia. Era bem-vinda. Um resto de consciência me apaziguava dizendo que efetivamente nada fazia de mau enquanto uma ponta de embriaguez ironizava o liberalão que tolerava tudo. Me dispus a ajudar Helena a preparar o café e ela ria, ria da minha falta de jeito. Na verdade, de pé, me sentia mais desajeitado do que anteriormente. As cuecas e calças de 1940 tinham a folga que impedia ao mesmo tempo liberar ou disciplinar a ereção. Aquele olhar que partia da altura de minha cabeça e para evitar meu rosto percorria os lados e o baixo do meu corpo, corria o risco de se fixar numa grossura capaz de anular o encantamento daquele instante. O escrúpulo durou pouco, não que o perdesse, mas simplesmente me deixei levar pela sucessão de gestos, risos e bebidas. Depois do café, Helena trouxe taças e uma

champanhe especial que eu provara numa visita a Reims e ignorava que existisse no mercado brasileiro, pois até em Paris era difícil encontrá-la, e muito cara. Quando Helena me pediu que abrisse uma segunda garrafa, pensei no quanto o Professor prosperara enquanto me esforçava em deslocar a rolha intumescida. O olhar sempre esquivo de Helena adquirira um fulgor novo. Foi sobretudo esse brilho que fez atravessar no meu espírito a ideia de loucura quando — depois de um momento de silêncio e imobilidade ela se aproximou resolutamente e colou seu corpo ao meu.

A escuridão do quarto para onde me conduziu era total. Esse local dos nossos amores permaneceu sempre numa obscuridade completa durante os quatro dias e noites que passei com ela no chalé. Mesmo quando a procurava na plenitude do dia, o refúgio era só treva. Nosso desejo sem horário fez com que eu passasse naquele quarto — do qual não fiquei conhecendo um objeto, um móvel, um tecido — a maior parte do tempo que permaneci em Campos do Jordão. Fora dele, quase não estava com Helena. A toalete e o banquete do primeiro dia não se renovaram. Ela me servia vestida com discrição, não mais sentando à mesa comigo. Refeições substanciosas mas simples: bifes sangrentos substituindo o pato e em lugar de vinhos, jarras com suco de laranja. Impôs com autoridade a distribuição do meu tempo. Fora da escuridão ou da mesa, passeava solitário pelo bosque ou descansava no meu quarto onde ela só entrava para me trazer gemadas com excelente conhaque, cuja absorção presenciava como se fosse uma enfermeira eficiente e severa. Era precisamente essa sensação que me invadia fora do horário amoroso, a de um escapado de moléstia grave vivendo o cansaço eufórico da convalescença. A palavra *cansaço* vem a calhar. Não que Helena fosse propriamente insaciável, mas se empenhava com ardor em provocar o meu gozo o mais rapidamente possível, quantas vezes

pudesse. Interrompi, com seu consentimento, os longos passeios pelo bosque a fim de ampliar as horas de descanso.

Na primeira noite não notei que tivesse tomado qualquer precaução — naquele tempo não existiam pílulas — e temendo pela sua inexperiência, interpelei-a. A voz que veio da penumbra era irônica ao retrucar que sabia o que fazia e que nesse terreno sua competência era certamente maior do que a minha. Aliás, falávamos pouco, dentro ou fora do pretume do largo leito matrimonial. Não me lembro de tê-la ouvido pronunciar meu nome, o que apreciei, pois sempre o achei ridículo. Nunca mais aludimos ao Professor, mas na modorra do descanso sua figura assombrava meu pensamento. Gastava o pouco de energia que me sobrava em reflexões a respeito dele, de Helena, de mim, de nós. Nossa paixão fulminante justificava tudo, precisávamos enfrentar lealmente o marido.

Já tinham decorrido quatro dias. O alarido dos pássaros trazia para a noite permanente do quarto o sinal da madrugada do mundo verdadeiro. Era chegado o momento de dizer a Helena que devíamos tomar uma decisão. Sua voz nunca fora tão tranquilamente meiga como na resposta que me deu. A decisão estava tomada. Eu partiria naquela manhã pois o Professor chegava de tarde. Não me amava. Aquilo fora um capricho que desejara viver: estava vivido. Não se arrependia mas o considerava encerrado. Nunca traía o marido e não esperava fazê-lo novamente. Se mudasse de ideia, me avisaria. Mas eu estava proibido de procurá-la, a ela e ao Professor. Diria a ele que eu a desrespeitara e que fora obrigada a me pedir que partisse, ficando assim justificado o meu definitivo afastamento. Que não me exaltasse com problemas morais, a opção era clara, eu devia apenas escolher entre o bom juízo do Professor Alberto a meu respeito ou a destruição do meu amigo. Se me levantasse imediatamente, teria tempo para me barbear, arrumar a valise, tomar um copo de

leite com biscoito e apanhar o ônibus das sete. A passagem com lugar numerado estava na gaveta do criado-mudo do meu quarto. O leite estava na geladeira e o biscoito no armário, dentro da lata com um papagaio pintado. Não iria se despedir de mim. As despedidas estavam feitas e ela permaneceria no quarto até que eu partisse. Nunca Helena falara tanto. Segui à risca tudo o que mandou, incluindo o leite e os biscoitos. Viajei tão aturdido que só ao chegar em São Paulo lembrei que naquele dia fizera vinte e cinco anos.

Durante os segundos que levei para me aproximar do velho Professor e que ele gastou para se levantar do banco de pedra da pracinha dos anões, revivi trinta anos de sentimentos. Nos primeiros tempos, o amor por Helena e a vergonha do Professor era uma coisa só e fez de mim um ser miserável. Desinteressado das vitórias de Hitler, do trabalho, de mulher, da vida, de tudo. Numa segunda fase, ora pensava num, ora noutro. Quando era a vez de Helena, me inundava a esperança absurda de que seria novamente procurado, hipótese que ela mesma levantou na madrugada em que me despediu. Já o Professor Alberto fazia disparar minha imaginação. Estou convencido de que foi por causa dele que passei a odiar o fascismo. Tentei ir para a guerra, sonhei ser herói morto e nacionalmente reconhecido, com retrato em todos os jornais para que ele soubesse e me perdoasse. Com o passar do tempo, o sentimento por Helena começou a arrefecer à força de substituições. Mas durante esses trinta anos não houve vergonha, pessoal ou nacional, que ocupasse o lugar da suscitada pela imagem do Professor. Naquele instante mesmo em que me inclinava para apertar sua mão, a vergonha invadiu os sulcos fundos do meu rosto com uma vermelhidão juvenil intacta, tão viva quanto a do barrete encarnado do anão de pé entre as rosei-

ras. Assim mais próximo pude avaliar a devastação da fisionomia do velho mestre, muito maior do que fariam esperar os setenta e tantos anos que calculei. Se o reconheci na distância de alguns metros foi devido à relativa obscuridade da praça que me transmitiu apenas a silhueta que me era familiar justamente por não vê-la há trinta anos e nela pensar diariamente. Encontrando-o de chofre em plena luz, só o teria reconhecido com esforço. Ao dizer meu nome, esboçou um gesto como se fosse me apresentar a Helena, que só então reconheci. Contrariamente ao que sucedia com o Professor, era sobretudo de longe que ela se tornara irreconhecível, uma sombra com os membros recolhidos, intimidados pelo reumatismo. A face, vista de perto, permanecia lisa e próxima do original antigo desfocado pelo tempo. Nossas mãos mal se tocaram, com a mútua relutância acrescida pela precaução de artrítico. Durante todo o tempo, ela não cessou de pousar tranquilamente em mim uns olhos carregados de investigação. Quanto ao Professor, às efusões da afeição antiga, se sucediam manifestações indisfarçáveis de mal-estar. Esqueci do que falamos durante esse encontro breve, a não ser algumas alusões políticas que me surpreenderam. Em dado momento ele afirmou que se tivesse a idade adequada, estaria assaltando bancos e quartéis como... As reticências foram provocadas por Helena que apoiou a mão enferma no ombro do marido. Olhei mais atentamente a fisionomia do ancião, procurando compreender o sentido daquela brincadeira e descobri com espanto um delírio que emanava dos olhos e se prolongava até os lábios trêmulos. A crise foi rápida mas esgotou o Professor que após um momento de respiração ofegante, propôs a Helena que se recolhessem. Atravessei com eles o pontilhão da avenida à qual foi dado o nome de um poeta esquecido e paramos diante de um hotel com nome indígena: Jerubiaçaba. O velho me apontou a tabuleta onde li que jerubiaçaba em língua tupi significava

lealdade. Senti novamente o sangue colorir minhas rugas, mas ele se limitou a comentar com o aparente fastio de erudito que o tupi da corporação hoteleira não lhe inspirava mais confiança do que o latim do pároco local. Acrescentou ser frequentador assíduo da Capela de Águas, onde um padre antigo teimava em dizer missa à velha maneira. A alusão à *lealdade* não fora evidentemente dirigida contra mim e essa ideia me aliviou mas não durou. Atemorizado, percebi que o Professor fazia aquelas alusões irônicas apenas para ganhar tempo: pretendia me dizer alguma coisa importante e grave, anunciou. Esperei, gelado. Ele refletiu um pouco, olhando para o chão. Começou a falar com voz tão sumida que para ouvi-lo quase encostei meu rosto ao seu. Distanciada dos cochichos do marido, Helena aproveitou a oportunidade para se despedir de mim com um discreto movimento de cabeça. Chegara a hora terrível do julgamento há trinta anos esperada. A partida de Helena, entretanto, deixou o Professor num grande desamparo. Procurou apoiar-se em meus braços com tanta força que por um instante tive a impressão de que ia me agredir. Subitamente se acalmou e a voz tornou-se mais clara. De minha parte, aproveitara o adiamento da execução a fim de me preparar moralmente para a atitude que devia tomar. Ouviria tudo, não diria uma palavra e no fim me ajoelharia e se não fosse repellido, lhe beijaria as mãos.

Começou dizendo com voz pausada que aquele local e o momento não serviam para a conversa longa que pretendia ter comigo, mas que poderíamos nos encontrar no dia seguinte. Eletrizado pela esperança — seu tom preanunciava a certeza do perdão — cheguei a gaguejar alguma palavra de reconhecimento pela graça tão perto de ser alcançada. Contudo, ele prosseguiu e o que disse me reconduziu ao silêncio, não mais da penitência mas do espanto devido ao rumo totalmente inesperado que tomou. Articulando as frases com uma nitidez crescente, impreg-

nada de desespero, disse que praticara um crime e pagara duramente por ele. O castigo fora tal que não atinava com outro pior. Mesmo assim, não encontrara paz. Voltara à igreja da infância, procurava se confessar e comungar diariamente, mas sua natureza o levava a se rebelar também diariamente, querendo se vingar da punição merecida apesar de sua incomensurável crueldade. Passava os dias pesando nos pratos de uma balança enlouquecedora seu crime e seu castigo. O encontro fortuito comigo lhe parecera predestinado, acrescentou tomado de grande exaltação. A frase sobre a *balança enlouquecedora* me pusera de sobreaviso: inclinei-me de repente para a ideia de que o Professor estivesse desequilibrado e preparei-me para ouvi-lo pacientemente. A nova situação explicava sua cordialidade confiante desde o encontro na praça e reacendia em mim as agulhadas de um remorso agora insolúvel, pois seria nulo o perdão de um louco. As palavras seguintes demonstraram que adivinhara minha suspeita. Acrescentou que compreendia minha inquietação, que as generalidades confusas em que se perdia deviam fazê-lo aparecer como vítima de algum mórbido devaneio. Infelizmente, não se tratava disso, não estava demente, os fatos existiam e eram implacáveis. No dia seguinte eu ficaria sabendo de tudo e poderia julgar. Marcou encontro comigo na pequena praça, ao cair do sol. A luminosidade excessiva lhe fazia mal.

Enquanto subia lentamente a rampa ajardinada que conduz ao Grande Hotel, meu espírito foi abalado por uma desordem que atravessou a noite e só foi vencida pelo cansaço da madrugada. Ao acordar, fui tomado de assalto pela preocupação da véspera e minha tensão só fez aumentar à medida que se aproximava a hora do encontro. No mesmo banco da véspera Helena, só, olhava interessada os restos de um anão, apenas duas botinhas amarelas se destacando no verde do gramado. Fora arrancado pela ventania daquela noite ou pela inconsciência de algum turista

insensível à graça ingênua da estância. Começou dizendo que o Professor não se sentia bem, passara o dia deitado mas não era essa a única razão de ter faltado ao compromisso. Na verdade, depois de ter me reencontrado não mais tivera ânimo para falar de novo comigo. Pedira-lhe que o fizesse por ele, contando-me tudo, tudo. Estava disposta a cumprir à risca a missão. Havia entretanto um elenco de pormenores sobre um dado importante que não conhecia e se recusava a conhecer. Exigia, também, que a deixasse falar sem interrupção, não só para facilitar sua tarefa mas também porque esgotaria de tal maneira o assunto que não sobraria resposta para qualquer pergunta.

Todos meus sentimentos anteriores tinham sido substituídos por tal curiosidade em estado puro que apagou momentaneamente a própria identidade de Helena. Penso que o mesmo sucedeu com ela: logo depois de ter começado a falar, minha personalidade se dissipou apesar de seus olhos não se despegarem do meu rosto. Falou num fluxo quase contínuo, lentamente, cuidando de nada esquecer e com tanto método que nunca precisou voltar atrás a fim de complementar o que já dissera. A maneira um pouco declamatória de Helena se exprimir me pareceu familiar, de uma familiaridade literária e procurando lembrar o nome do escritor a que tanto se assemelhava, descobri que era eu próprio, autor inédito de numerosos escritos num estilo antigo, quicá pomposo. Permaneceu severa o tempo todo e a ironia que por vezes brotou de sua narração era intrínseca aos fatos que relatava, jamais calculada para provocar a aflição que senti.